



Nelu Burcea

GRAÇA acima do MEDO



Respondendo a hostilidade com mansidão, amor e esperança

Quando ouvimos a expressão “liberdade religiosa”, muitas pessoas pensam em processos judiciais, em governos ou em relatórios. Mas a liberdade religiosa não é apenas uma questão abstrata para especialistas. Ela afeta pessoas reais ao redor do mundo, como estudantes que lutam para guardar o sábado, funcionários que enfrentam pressão no trabalho, famílias que adoram com medo, ou igrejas que tentam ser fiéis em ambientes hostis.

Portanto, neste sábado da Liberdade Religiosa, não quero apenas que pensemos sobre leis e políticas. Quero que façamos uma pergunta pessoal: **como um seguidor de Jesus reage quando sua fé é testada?** Quando enfrentamos mal-entendidos, pressão ou até mesmo hostilidade aberta, o que sai do nosso coração? É medo e raiva? Ou é graça e confiança?

Há alguns anos, um estudo na Europa sobre liberdade religiosa, discriminação e como os crentes reagem sob pressão nos proporcionou uma visão surpreendente sobre essa questão.

Entendendo o significado de religião e de liberdade

Em 2011-2012, o Departamento APLR na Europa conduziu um estudo sobre liberdade religiosa e discriminação, e sobre como os crentes reagem nesses ambientes. Esse estudo ofereceu algumas percepções profundas e surpreendentes. A pesquisa explorou como eventos negativos relacionados a violações dos direitos humanos podem ter um impacto positivo na vida religiosa dos crentes.

Dois grupos distintos de pessoas foram entrevistados sobre perseguição e discriminação para compreender melhor seus sentimentos sobre o tema.

O primeiro grupo incluía jovens adventistas do sétimo dia entre 17 e 25 anos, membros ativos de suas igrejas locais. Eles viviam em um contexto político, social e religioso que lhes proporcionava direitos individuais, liberdade de ir e vir, liberdade de expressão, direito à educação e a oportunidade de praticar sua fé sem restrições.

O segundo grupo consistia em pessoas com idades entre 66 e 90 anos. Elas, por outro lado, haviam passado por um período de intensa perseguição. Algumas delas enfrentaram prisão por meses ou anos de suas vidas. Em sua geração, viram outras pessoas ao seu redor morrerem por causa de sua fé. Na juventude, esse grupo teve acesso limitado à educação, poucas oportunidades reais de encontrar trabalho e viveu com severas restrições alimentares. Não desfrutavam da liberdade de viajar ou do direito de se expressar. Também eram controlados e perseguidos. Eles não tinham o direito de escolher sua própria religião.

As pessoas do primeiro grupo compartilharam como se sentiam em relação à perseguição religiosa, descrevendo os sentimentos e reações que elas imaginavam que poderiam experimentar naquela situação. No entanto, isso não se baseava em experiências pessoais. Elas falaram sobre expectativas e medos relacionados à perseguição ou discriminação. A maioria dos participantes associava a perseguição ao medo, sofrimento, frustração e ressentimento. Eles se preocupavam com a exclusão social, danos físicos, prisão e outros traumas emocionais.

O segundo grupo respondeu de forma bem diferente. Como essas pessoas já haviam passado por um período de discriminação e perseguição, elas responderam com surpreendente maturidade e profundidade espiritual. Elas compartilharam o valor da fé autêntica na perseguição, a dependência total de Deus, conectando suas vidas à esperança em Deus, exercitando empatia com outras pessoas que passavam por situações semelhantes, a unidade da igreja e a firmeza da fé.

Por meio deste estudo, foi surpreendente aprender que a fé e a experiência vivida pelos indivíduos não apenas criam maturidade espiritual, mas também podem levar uma pessoa a uma conexão profunda, autêntica e amorosa com Deus.

Há momentos na vida em que podemos lutar contra a injustiça e a discriminação, mas quando olhamos para trás e vemos como Deus nos guiou no passado, podemos reconhecer Sua presença em cada momento. A convicção de que Deus está no controle e que nada acontece fora do Seu conhecimento deve encher cada crente de paz, calma e paciência.

A liberdade religiosa afirma que as pessoas devem ter a liberdade de escolher seu próprio caminho religioso e de expressar sua fé em público e em privado, sem coerção. Embora a liberdade religiosa seja amplamente reconhecida como um direito humano fundamental, sua aplicação é frequentemente condicionada por muitos fatores, como a legislação de um país e a forma justa como essas leis são aplicadas, a influência das religiões majoritárias e as tradições culturais e filosóficas da sociedade.

No cerne da compreensão cristã da liberdade religiosa está a crença de que Deus criou os seres humanos com livre-arbítrio. Esse dom divino forma a base de qualquer relacionamento genuíno com Ele. Para que a fé seja autêntica, ela deve ser vivida, escolhida e nunca imposta ou forçada.

Infelizmente, vivemos em um mundo que celebra a liberdade nas palavras, mas muitas vezes a limita na prática. Hoje, milhões de pessoas têm seu direito de adoração restringido de acordo com sua consciência. Muitas são discriminadas ou até punidas por expressarem crenças que podem estar em desacordo com os poderes políticos ou as majorias religiosas.

Nesse contexto, o crente é chamado a viver sua fé, às vezes em liberdade, às vezes em tempos de injustiça, às vezes em perseguição. Em todas essas situações, a autenticidade da fé se reflete em uma vida que reflete o caráter de Deus.

Como ovelhas entre lobos

Quando pensamos nas diferentes reações à pressão experimentadas no estudo mencionado anteriormente, medo de um lado, profunda confiança de outro, somos lembrados das próprias palavras de Jesus aos Seus discípulos sobre viver e testemunhar em um mundo hostil.

No Evangelho de Lucas 10:3, Jesus fala de forma simples, mas muito profunda: “Eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos”.

Essas palavras podem gerar muitas perguntas e desafios. No entanto, Jesus exorta Seus seguidores a não responderem à perseguição com ódio, medo ou violência. Ele descreve a vida de cada crente usando a imagem humilde e pura de um cordeiro.

A missão dos crentes não era possuir as características impiedosas de um lobo, mas manifestar a mansidão de um cordeiro.

Jesus enviou Seus discípulos ao mundo, dois a dois, e confiou-lhes a responsabilidade de espalhar o evangelho e representá-lo diante de todas as pessoas. Ellen White explica: “Ao aproximar-se o término do ministério terrestre de Cristo e reconhecer Ele que logo precisaria deixar que Seus discípulos levassem avante a obra sem Sua pessoal supervisão, procurou encorajá-los e prepará-los para o futuro. Não os enganou com falsas esperanças. Como num livro aberto, leu o que devia acontecer. Sabia que estava prestes a ser separado deles, para deixá-los como ovelhas entre lobos. Sabia que haviam de sofrer perseguição, que seriam lançados fora das sinagogas e metidos nas prisões. Sabia que por testemunharem Dele como o Messias, alguns experimentariam a morte. E falou-lhes alguma coisa disto. Referindo-Se ao futuro deles, foi claro e definido, para que nas aflições que viriam pudessem lembrar Suas palavras e ser fortalecidos para crer Nele como o Redentor” (Atos dos Apóstolos, p. 15).

Uma ovelha não é caracterizada pelo poder. Ela é uma ilustração da paz. Ela vive com vulnerabilidade, mas não com impotência. Uma ovelha pode estar em perigo às vezes, mas vive com a profunda confiança de que está protegida pelo seu Pastor. Ela segue o Pastor e ouve Sua voz. Os lobos, por outro lado, são uma imagem de agressividade e competição. No entanto, Cristo nos envia ao mundo para representá-Lo, não com o espírito de lobo, mas com o espírito de cordeiro. Essa é uma estratégia espiritual. O mundo conquista pelo poder, mas Cristo conquista pelo amor.

As principais características de uma ovelha, paz, confiança e obediência, são todas expressões de mansidão. Muitas pessoas hoje consideram essas características como sinais de fraqueza. No entanto, as Escrituras compartilham que elas são o fruto do Espírito Santo. Paulo escreve em Gálatas 5:22, 23: “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei”.

Essas qualidades estão indissociavelmente ligadas à vida profundamente espiritual do crente. Quando nos comprometemos a responder com não violência, vemos que a bondade desarma a raiva, a gentileza vence a hostilidade, e a fé pode resistir à perseguição. Para manter uma profunda influência espiritual e dignidade, o crente deve permanecer educado e respeitoso, mesmo quando injustiçado. Quando defendemos a liberdade religiosa, devemos fazê-lo com uma combinação de verdade e amor. A defesa da verdade nunca deve usar a arma do ódio.

Em toda a Escritura, o cordeiro é um símbolo de pureza, sacrifício e paciência. O cordeiro sacrificial apontava para o Messias, que é o verdadeiro cumprimento do sistema cerimonial. Jesus é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29).

A Bíblia apresenta uma perspectiva maravilhosa que se cumprirá no fim dos tempos. O Cordeiro manso que representa Jesus Cristo retornará como o Rei vitorioso. Então, não haverá mais lágrimas nos olhos de Seus crentes, nem mais dor em suas vidas (Apocalipse 21:4).

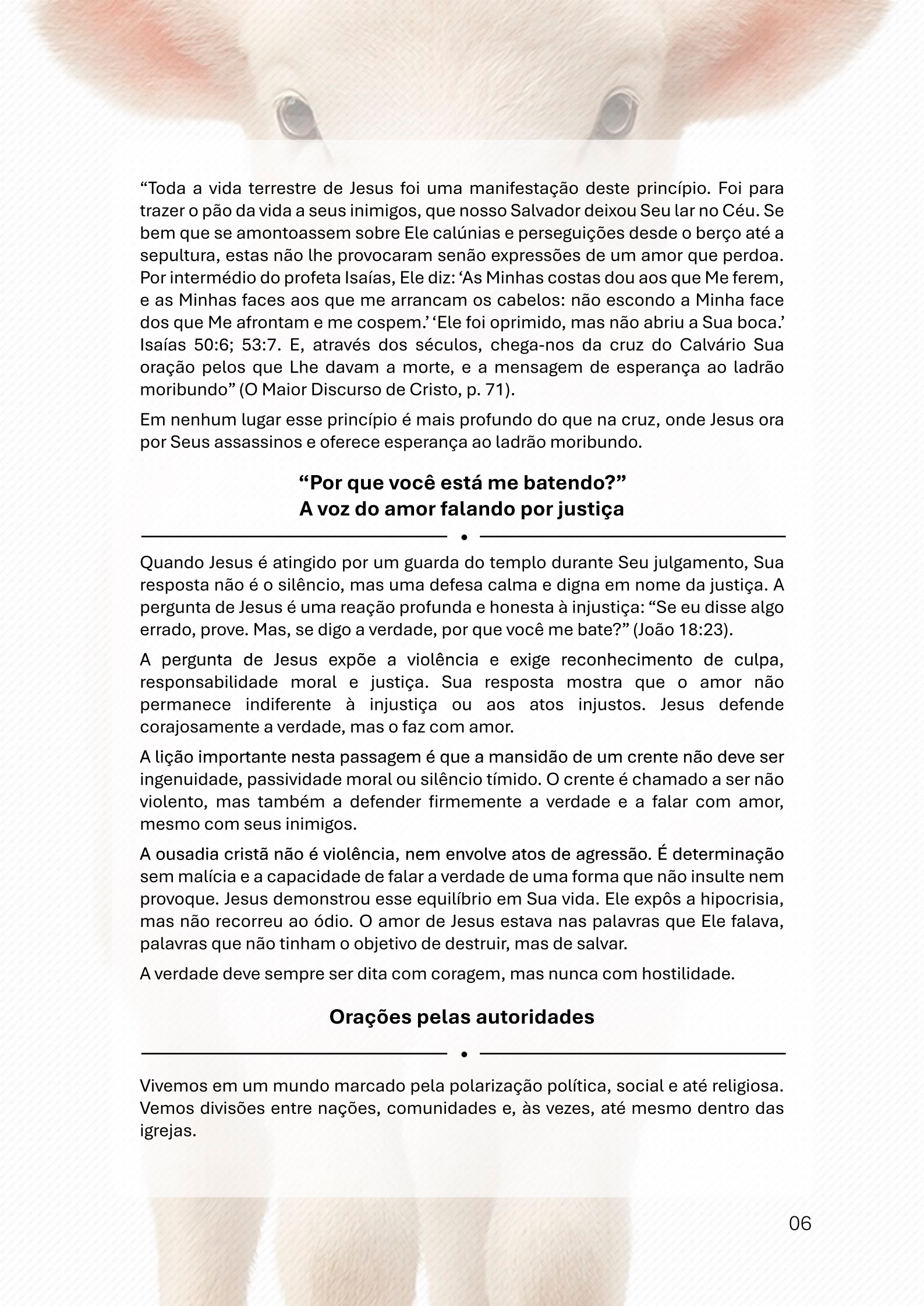
A tensão entre “Oferecer a outra face” e “Por que você me bate”?

Nas Escrituras, Jesus Cristo ensina o princípio vital de não violência e desafia Seus seguidores a “oferecer-lhe também a outra” face (Mateus 5:39). Esse conceito, que implica a ausência de vingança e a recusa em retribuir o mal com o mal, é difícil para muitas pessoas. Em outro versículo, Jesus é golpeado durante Seu interrogatório diante do sumo sacerdote. Jesus não permanece em silêncio ou passivo, mas pergunta: “Mas, se eu falei a verdade, por que é que você está me batendo?” (João 18:23).

À primeira vista, esses dois ensinamentos parecem contraditórios. Um defende o silêncio e a submissão, e o outro mostra Jesus confrontando um comportamento injusto. “Oferecer a outra face” não significa aceitar o abuso como se fosse algo bom, nem nos proíbe de buscar justiça. Significa recusar-se a participar do ciclo de violência e vingança. É uma escolha consciente de não retribuir insulto com insulto ou golpe por golpe. O apóstolo Paulo confirma isso em Romanos 12:21: “Não deixem que o mal vença vocês, mas vençam o mal com o bem”.

“Oferecer a outra face” é uma forma de viver em que o crente se recusa a fazer parte da violência ou da vingança. Em outras palavras, a mansidão cristã rejeita tanto a vingança quanto o silêncio. Não respondemos ao mal com o mal, mas também não calamos a boca quando a injustiça é feita.

Cada dia da vida terrena do Salvador foi uma demonstração do amor de Deus pelas pessoas, até mesmo por aquelas que O odiavam. Ellen White escreve:



“Toda a vida terrestre de Jesus foi uma manifestação deste princípio. Foi para trazer o pão da vida a seus inimigos, que nosso Salvador deixou Seu lar no Céu. Se bem que se amontoassem sobre Ele calúnias e perseguições desde o berço até a sepultura, estas não lhe provocaram senão expressões de um amor que perdoa. Por intermédio do profeta Isaías, Ele diz: ‘As Minhas costas dou aos que Me ferem, e as Minhas faces aos que me arrancam os cabelos: não escondo a Minha face dos que Me afrontam e me cospem.’ ‘Ele foi oprimido, mas não abriu a Sua boca.’ Isaías 50:6; 53:7. E, através dos séculos, chega-nos da cruz do Calvário Sua oração pelos que Lhe davam a morte, e a mensagem de esperança ao ladrão moribundo” (O Maior Discurso de Cristo, p. 71).

Em nenhum lugar esse princípio é mais profundo do que na cruz, onde Jesus ora por Seus assassinos e oferece esperança ao ladrão moribundo.

“Por que você está me batendo?” A voz do amor falando por justiça

Quando Jesus é atingido por um guarda do templo durante Seu julgamento, Sua resposta não é o silêncio, mas uma defesa calma e digna em nome da justiça. A pergunta de Jesus é uma reação profunda e honesta à injustiça: “Se eu disse algo errado, prove. Mas, se digo a verdade, por que você me bate?” (João 18:23).

A pergunta de Jesus expõe a violência e exige reconhecimento de culpa, responsabilidade moral e justiça. Sua resposta mostra que o amor não permanece indiferente à injustiça ou aos atos injustos. Jesus defende corajosamente a verdade, mas o faz com amor.

A lição importante nesta passagem é que a mansidão de um crente não deve ser ingenuidade, passividade moral ou silêncio tímido. O crente é chamado a ser não violento, mas também a defender firmemente a verdade e a falar com amor, mesmo com seus inimigos.

A ousadia cristã não é violência, nem envolve atos de agressão. É determinação sem malícia e a capacidade de falar a verdade de uma forma que não insulte nem provoque. Jesus demonstrou esse equilíbrio em Sua vida. Ele expôs a hipocrisia, mas não recorreu ao ódio. O amor de Jesus estava nas palavras que Ele falava, palavras que não tinham o objetivo de destruir, mas de salvar.

A verdade deve sempre ser dita com coragem, mas nunca com hostilidade.

Orações pelas autoridades

Vivemos em um mundo marcado pela polarização política, social e até religiosa. Vemos divisões entre nações, comunidades e, às vezes, até mesmo dentro das igrejas.

1 Timóteo 2:1, 2 compartilha um conselho que muitas vezes é negligenciado: ore pelas autoridades. O apóstolo Paulo diz: “Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade”.

Muitos hoje podem ter dificuldades com essa ordem, especialmente quando veem certos líderes como antiéticos, violentos ou violadores dos direitos humanos e da liberdade religiosa. Mas devemos lembrar a época em que Paulo escreveu essas palavras. Era um dos períodos políticos mais turbulentos da história, marcado por uma violência inimaginável. Paulo certamente não concordava com todas as ações das autoridades.

Ainda assim, quer vivamos em tempos de paz ou de provação, somos lembrados de orar pelos “reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade” (1Tm 2:2, NVI). Essa é uma expressão de fé de que Deus pode influenciar as decisões daqueles que estão no poder, para que os crentes possam viver suas vidas em liberdade e em missão.

Enquanto o mundo está preocupado com o ódio, a vingança e o conflito, Deus tem uma missão para Seu povo. Somos chamados a apresentar a verdade de Deus com amor, a mostrar a importância do perdão e a ser fontes de paz e esperança, mesmo quando o mundo busca o contrário. Isso deve ser acompanhado de uma persistência inabalável em nossas crenças.

Permanecendo firme na verdade e na consciência

Somos chamados como Moisés foi chamado diante de Faraó, e dizemos: “Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto” (Êxodo 5:1).

Somos chamados a viver nossa fé e permanecer firmes como o apóstolo Pedro e o apóstolo João fizeram diante do Sinédrio: “Julgai vós se é justo... porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (Atos 4:19, 20).

Somos chamados a arriscar nossas vidas defendendo a verdade, como Sadraque, Mesaque e Abednego fizeram diante de Nabucodonosor. “Não precisamos defender-nos diante de ti. Se formos atirados na fornalha em chamas, o Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos... Mas, se ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos teus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que mandaste erguer” (Daniel 3:16-18).

As “ovelhas” e “cordeiros” de que fala o Salvador não atacam os lobos, mas permanecem firmes em sua integridade moral.

No entanto, responder à hostilidade com gentileza, amor e esperança não é possível por meio de nossa própria força, mas por meio de uma conexão pessoal com nosso Senhor. Elen White descreve de maneira tão bela o poder daqueles que sofreram por Cristo:

“Em que consistia a força daqueles que no passado sofreram perseguição por amor a Cristo? Era a união com Deus, união com o Espírito Santo, união com Cristo. A acusação e a perseguição têm separado muitos de seus amigos terrestres, mas nunca do amor de Cristo. Nunca a alma, provada pela tempestade, é mais encarecidamente amada por seu Salvador do que quando sofre a perseguição por amor à verdade. ‘Eu o amarei’, disse Cristo, ‘e Me manifestarei a ele’ (João 14:21). Quando, por causa da verdade, o crente se acha perante os tribunais terrestres, Cristo Se acha a seu lado. Quando é encerrado entre as paredes da prisão, Cristo Se lhe manifesta e com Seu amor lhe anima o coração. Quando sofre a morte por amor a Cristo, o Salvador lhe diz: Eles podem matar o corpo, mas não podem matar a alma. ‘Tende bom ânimo, Eu venci o mundo’ (João 16:33). ‘Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou teu Deus: Eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da Minha justiça’ (Is 41:10)” (Atos dos Apóstolos, p. 47).

Liberdade de consciência: um dom divino

Apesar do reconhecimento da liberdade religiosa e dos direitos humanos em muitas constituições mundiais, em muitos lugares existe um ódio injusto contra grupos religiosos que diferem da maioria cultural ou religiosa. Muitos países são marcados pela perseguição e discriminação. Grupos de pessoas são odiados, discriminados e frequentemente perseguidos por causa de sua fé.

É alarmante que, em um mundo com a infraestrutura de comunicação mais desenvolvida, possa haver severas restrições à liberdade de expressão, que o discurso de ódio muitas vezes substitua o diálogo e que as ideologias religiosas dominantes às vezes silenciem aqueles que discordam.

Devemos entender que a liberdade da consciência não é um dom humano, mas um dom divino oferecido pelo Criador do Universo. Os seres humanos foram criados com o direito de escolher. Somente quando uma pessoa escolhe livremente amar a Deus é que esse amor pode ser autêntico.

Ao refletirmos sobre a liberdade religiosa hoje, Deus nos convida a três respostas simples:

- Ore fielmente por aqueles que são perseguidos em todo o mundo e pelas autoridades que elaboram leis e políticas.
- Defenda com coragem a verdade e a consciência em nossos locais de trabalho, comunidades e nações.
- Reflita o caráter do Cordeiro na forma como falamos, escrevemos e defendemos – firmes na convicção, gentis em espírito.

Estamos vivendo no fim dos tempos e podemos esperar que a liberdade religiosa seja restringida, mas Deus pode criar um contexto favorável à missão e proteger Seus filhos onde quer que estejam.

Não nos esqueçamos de que, embora vivamos em um mundo cheio de ódio e violência, somos chamados a defender a verdade em todas as situações e a compartilhar o amor e a bondade de Deus, seguindo Jesus e permitindo que Ele seja uma inspiração para nós todos os dias.

Que Deus abençoe cada um de vocês com liberdade, mansidão, amor e esperança, para que o Evangelho alcance logo aos confins da Terra e a volta de Jesus seja breve, muito breve.

Convidamos você a usar, adaptar e compartilhar esses recursos para celebrar o Sábado da Liberdade Religiosa nas igrejas locais.

Pr. Nelu Burcea

*Diretor de Relações Públicas e
Liberdade Religiosa da Associação
Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*

